



ATRAVÉS DO ESPELHO

Mariana Rennhack Pires¹

As bestas pareciam se esconder naquele dia. Nenhuma caça, nem ao menos um pequeno animal para saciar a lâmina e o orgulho. Apenas o calor se fazia sentir, ondulando em perfeita harmonia com o solo amarelo em brasa. A crueldade da sede era tanta que o impeliu a gritar; ele (logo ele!) clamava aos céus. Não precisou pedir por muito tempo, os inconfundíveis acordes da sua voz elevaram-se quase que de súbito, e os deuses, tontos de júbilo e de compaixão, atenderam prontamente ao desejo do rapaz, oferecendo-lhe um lago translúcido, pontilhado por pequeninos diamantes. Com a certeza de que era amado tanto pela terra quanto pelos céus, debruçou-se na beira do lago e, antes que pudesse erguer o primeiro gole aos lábios, deparou-se com um ser tão belo quanto a sua própria imagem. Talvez seja ele, enfim! O único digno de sua adoração, entre tantos outros dessemelhantes. Abaixou-se para beijar aquele magnífico ser, fundir-se ao corpo do outro cuja aparência finalmente lhe era familiar. Não conseguiu. Por alguma injustiça do destino, o ser que habitava aquele lago não o considerava digno de seu desejo, e por isso se esquivava a cada abraço desajeitado. Desesperado, não conseguindo unir-se ao seu amor, e tampouco podendo manter-se longe dele, Narciso ali permaneceu, debruçado no leito do rio. Imóvel. Inerte. Admirava o reflexo daquele outro que, curiosamente, parecia definhar ao mesmo tempo em que seu próprio corpo perdia o viço e as forças. Mas, ainda que fraco, manteve-se naquele lugar. Não abandonaria o seu amor. Acabou, enfim, por levá-lo consigo na travessia do Estige.

Há espelhos por toda parte: nos lagos de diamante dos mitos gregos, no retrato de carnes decompostas do jovem aristocrata, na sala de estar da garotinha que acaricia o seu gato, na alcova da jovem bruxa, na foto instantânea da menina que manda beijos para si (ou

¹ Mariana Rennhack Pires: licenciada em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Escrita Criativa na mesma universidade. mariana.rennhack@acad.pucrs.br



para um outro?). Pode não haver clichê maior do que a metáfora do espelho, pode não haver atitude mais banal do que a de se admirar em frente a uma superfície refletora e, provavelmente, não há objeto que guarde em si, com tamanha harmonia, o óbvio e o implacável, devolvendo a quem se vê nada mais do que o seu próprio reflexo, travestido de imagem do Outro.

Observar o modo como os reflexos dos outros e de si se apresentam, de acordo com o contexto social vigente, é a meta traçada pelo semioticista francês Eric Landowski em *Presenças do Outro – Ensaio de Sociosemiótica* (Perspectiva, 2002). O que interessa aqui são os sentidos, advindos de práticas sociais diversas e que, necessariamente, obedecem a uma organização particular. Landowski procura, em cada um dos capítulos que constituem sua obra, “escarafunchar” essa lógica interna, transitando por entre indivíduos como que cuidadosamente enfileirados e incapazes de se afastarem de seus reflexos, grupos genuínos de Narcisos reunidos em uma sala forrada de espelhos e admirando-se simultaneamente. Talvez podendo se reconhecer. Talvez não.

Reconhecer-se. Enxergar o Eu somente a partir do momento em que se enxerga o Outro, e vice-versa. Identificações, a primeira das três partes de *Presenças do Outro*, mostra o quão imperativa é à dialética a via de mão dupla formada pelo Eu e pelo Tu (o Eu e o Outro), coexistindo em uma relação de frequentes e essenciais atos criadores de sentido, de presentificações ininterruptas. Aos Narcisos que se miram nos espelhos, tentando formar a própria imagem no reflexo, é lembrado que sua busca só será profícua se for reconhecido o caráter fundamental da alteridade (isto é, a noção da existência de um Outro) para o processo. A (re)construção da identidade – posto que é mutável – é calcada nos contrastes e oposições.

Ao serem observados por Landowski, os processos de identificação (e, por consequência, de reconhecimento da alteridade) mostram-se como ações complexas e repletas de facetas. Entre os indivíduos formam-se grupos, e estes passam a ser analisados consoante a postura adotada ao lidar com o Outro. O primeiro grupo, já cultivando alguns usos e costumes que se tornaram seus, não exclui aquele que “vem de fora”, não o rejeita por conta de suas diferenças (sim, a disparidade é inerente à construção e reconhecimento das identidades individuais, contudo, não raro as relações humanas produzem um paradoxo em que uns sujeitos podem ser, mais ou menos, diferentes em relação aos outros...), ao



contrário, ele o assimila, generosamente recebendo o Outro no seio de sua coletividade. Os integrantes desse grupo dominante, ao assimilarem o estrangeiro – aqui a palavra expressa o sentido de estranho ao indivíduo ou ao grupo a que se apresenta – esforçam-se para torná-lo parte daquele novo ambiente, auxiliando o Outro a ser um pouco menos o que é, gradativamente diminuindo as diferenças, à revelia da vontade deste Outro.

A cada um destes sujeitos assimiladores é reservada a alcunha de Sr. Todo Mundo, definição de um dominante desprovido de preconceitos, que aceita a inserção de estrangeiros, desde que eles se disponham a apaziguar suas peculiaridades, deixando visíveis tão somente aquelas disparidades menores, justamente aquelas que podem conferir ao Outro um lampejo de exotismo. O Sr. Todo Mundo torna-se, dessa forma, um agente agregador e redutor ao mesmo tempo conduzindo, quase que de maneira imperceptível, o vindo de fora à “normalidade social”, padronizando-o. Assim sendo, não seria de todo absurdo encontrar, dentre este primeiro grupo de Narcisos, alguns patriotas exaltados ou, até, um ou outro intelectual que se deu por missão inserir por completo o estrangeiro ao núcleo cultural do qual este optou por fazer parte.

Avançando um pouco mais, Landowski encontra um segundo agrupamento cuja estratégia de identificação merece um comentário. Este segundo grupo não parece alimentar grandes complexidades internas, eles simplesmente não aceitam a ideia do Outro: há o estranhamento, a total recusa e, por fim, a expulsão do elemento divergente. Enquanto que na assimilação o agente dominante (o Sr. Todo Mundo) não tem nada contra o Outro, aceitando a entrada deste no seu núcleo desde que, obviamente, ele aceite se adequar ao meio, os excludentes agem no completo oposto, negando com violência os que vêm de fora por temer que estes ameacem a sua aparente – e enganosa – uniformidade.

É importante ressaltar que, tanto para a assimilação quanto para a exclusão, um paradoxo permanece: embora estas tentem, respectivamente, ignorar ou até recusar a diferença, é possível notar um movimento de constante reforço de características peculiares, em especial aquelas que em muito diferem do que é “aceito” no grupo de referência, e, inclusive, de criação de outras inúmeras distâncias (socioeconômicas, culturais, linguísticas...). Em resumo, as duas estratégias de identificação, mesmo negando ou recusando a diferença (temendo-a, enfim) parecem ter de reafirmá-la a todo instante, forçando o Outro a permanecer no seu lugar de distinção.



Enquanto que, no primeiro e no segundo grupo, as estratégias tinham como princípio máximo a recusa do Outro, nos próximos dois grupos será fácil perceber, com as devidas particularidades, um movimento de aproximação: o trazer o Outro para perto de si.

Dar boas vindas ao estrangeiro, fazê-lo entrar, posicioná-lo cuidadosamente no seio do grupo, e deixá-lo naquele mesmo lugar, à vista de todos, mas isolado por barreiras, visíveis ou não. Encerrado em sua própria outridade. A segregação é um processo que denota uma crueldade velada: distancia-se daqueles que assimilam (levando o Outro a uma adaptação forçada) e também dos que, por recusa, simplesmente – se é que se pode usar esse termo aqui – expulsam o dessemelhante. Demonstra uma aparente aceitação, nega-se a excluir o Outro, no sentido literal da palavra, mas, em compensação, recusa sua presença constantemente, obrigando-o a caminhar do outro lado da rua, prendendo-o em guetos, exercendo controle sobre sua vestimenta, sua linguagem, seu emprego. Trazer o Outro para perto, apenas para mostrar que ele nunca fará parte deste lugar.

O último grupo com o qual Landowski se depara é um dos mais curiosos, no que tange às suas peculiaridades. Este agrupamento não exclui, não assimila, e tampouco segrega aqueles que dele passam a fazer parte. Seus integrantes, apaixonados que são pelo exótico e pelo diferente, unem-se ao Outro, criando uma massa uniforme. E um tanto indistinta. Aqui, os indivíduos acabam por se assemelhar de tal forma que suas diferenças, suas inevitáveis singularidades, são quase que apagadas. Aqui, os Narcisos esquecem de que são moldados pelo contraste perdendo, quem sabe, um pedaço importante de sua identidade.

Ainda, dentro de cada um destes grupos, o semiótico acha possível categorizar (dando-se ao luxo de, inclusive, estereotipar) os tipos humanos e suas respectivas atitudes ante o Outro, ante o homem do mundo, o gentleman. Há o esnobe, que faz bom uso de sua posição de ator social e assemelha-se ao homem do mundo; aquele que não parece cultivar uma boa relação com o dândi, não por vontade, mas pelo fato de que este não está interessado em se parecer com ninguém, ele é diferente e precisa constantemente posicionar-se como tal. Já o camaleão é aquele sujeito que pode migrar de um grupo para o outro sem maiores esforços, visto que ele possui a habilidade de se camuflar, tal como seu similar reptiliano, de acordo com o ambiente, um nômade (Narciso itinerante!). Finalmente, durante sua trajetória, Landowski volta seu olhar a uns tipos curiosos, isolados por querer,



que se esforçam para observar seu reflexo no espelho, sem a interferência dos demais. São os ursos, solitários por temer a perda da própria identidade, ingênuos por acreditar que a (re)construção do seu Eu não depende da (re)construção do Outro.

Como o Outro se torna presente? De que forma - e agora fazemos companhia a Landowski no retorno aos grupos de sujeitos que observam seus reflexos (bem como o dos demais) pelas paredes - uns se apresentam aos outros, construindo-se, presentificando-se? Estendendo o pano de fundo da moda e da política, duas facetas inevitáveis e perenes da vida em sociedade, sobre seus Narcisos virtuais, a segunda parte de Presenças do Outro (Presentificações) tenta responder às questões acima propostas, abrindo o leque de situações sociais passíveis de análise. Apurando a visão.

O tempo só é tempo porque passa. O discurso só pode ser discurso se ele significa. Identidades só podem ser o que são se não permanecerem as mesmas. Ideias paradoxais? Talvez. Mas repletas de sentido. O Eu, que depende da oposição a um Outro, está sempre se reconstruindo, ele nunca é e nem pode ser sempre o mesmo. O desejo da mudança está imputado no homem, pois somente assim ele se tornará senhor de seu próprio caminho (de seu devir, como Landowski salienta). Com nossos Narcisos, não deve ser diferente, cada um deles quer a mudança, busca um cenário melhor ou, apenas, diferente daquele existente; almeja modificar o ambiente para que ele possa se enxergar como parte deste. A moda, um dos elementos responsáveis por situar o indivíduo no seu tempo, por fazê-lo se reconhecer como uno e diferente dos demais, é também mutável, auxilia tanto na reafirmação da identidade individual e na localização do Eu com os Outros em determinada época, quanto na criação dos espaços sociais, com seus hábitos, normas e códigos específicos de funcionamento. Ela é ambígua, revelando e escondendo identidades, diferenciando indivíduos da mesma maneira, destacando quase as mesmas características. Padroniza pela diferença, opondo-se a si mesma e impondo-se a um sujeito que se deixa modificar/transformar, para o seu próprio bem, ao passo que recua, afastando-se do momento presente para melhor confrontar seu reflexo e voltando, logo em seguida, para reafirmar o que escolheu ser.

A moda baseia-se na mudança, no desaparecimento e na afirmação, para existir. O novo precisa ser o sucessor de um elemento antigo e possivelmente desgastado, fazendo jus à aspiração geral e intrínseca pela transformação. Neste ponto, moda e política



(consideremos o cenário político como um todo) se aproximam, pois as duas valorizam a renovação, embora aquela tenha a mudança, por si só, como foco, enquanto que esta aprecia as modificações, desde que elas tenham como base uma constante de valores. Moda e política, embora pareçam completamente divergentes, compartilham aspectos, compelindo o Outro a colocar-se presente, situando-o em um tempo e em um grupo social. As duas assumem suas facetas caprichosas e passionais: a moda, enquanto efêmera e arrebatadora de coletividades; a política, enquanto refém dos estados de espírito de um povo. E as duas também podem ser racionais, uma ao criar motivos aparentemente racionais para sua adesão, a outra por manter sua aura de seriedade e caráter indispensável à organização de sociedades.

Voltemo-nos brevemente à própria imagem de Landowski, e observemos os exemplos que ele nos estende, imagens de Outros que, ao se mostrarem, tornam-se presenças, modificando-nos de alguma forma. As primeiras presentificações advêm de peças publicitárias, discursos necessariamente construídos sobre simulacros de presenças que nos envolvem e convidam a construir sentidos, a partir do instante em que com elas interagimos. Inferindo um antes. Imaginando um depois. A peça publicitária é um trânsito, sua função é remeter a um momento anterior ou posterior; ela difere da pintura ou da fotografia artística, que não precisam significar nada mais do que são. Neste âmbito, pode-se considerar a imagem publicitária como elemento simples, de função imediata e, no entanto, igualmente poderosa uma vez que, ao nos apresentar a esse Outro (que está tanto presente quanto ausente), constrói um simulacro de familiaridade, uma intimidade de tamanha força que nos impele a querer ser/estar no lugar dele.

O desejo de presença não é propriedade da peça publicitária. A carta, talvez uma simulação do Outro ainda mais significativa – quando não se resume a uma simples missiva de negócios que, com seu discurso estritamente objetivo, nada representa - é um espaço de presentificações recíprocas e sucessivas. Inicialmente, ela é um objeto essencialmente dirigido a uma ausência, a alguém que se quer que esteja próximo. Ao redigir uma carta, evocamos, pouco a pouco, fragmento por fragmento, a presença do Outro. Ironicamente, ao tentar diminuir a distância, reforçamos a ausência do que não está aqui, acrescentando aí o nosso próprio afastamento (ao escrever, o autor automaticamente toma certa distância de



sua subjetividade, torna-se Outro dentro do próprio texto). O lirismo nos torna Outros dentro de nós mesmos.

A terceira e última parte de Presenças do Outro, intitulada Representações, leva-nos imediatamente à cena construída logo no início, colocando-nos ao centro da sala de espelhos, rodeados pelos incontáveis Narcisos que ali já estavam e que, ao fim e ao cabo, nada mais são do que simulacros de nós mesmos, reflexos ligeiramente destorcidos, atores em um palco. Nós, como espectadores, tomamos distância à ação do Outro, atribuindo sentido a ela e reconhecendo o Eu. Novamente, o cenário político (a única peça que não permite cacoc?) enquanto microcosmo representativo da vida, põe seus atores a representar seus papéis, com a única diferença de que os homens da política, em oposição aos homens do drama, não podem improvisar suas falas, não tem o direito de andar fora de sua marcação e precisam estar ininterruptamente atentos às suas deixas, construindo sua presença, representando-nos sem cessar.

De todas as representações que podemos observar da sala reservada aos espectadores, Landowski aponta três tipos de presenças, construídas pelos atores (políticos ou dramáticos). A primeira é a do Outro como sujeito actante, um homem de ação pragmático e eficaz, que dispensa o reconhecimento e a identificação com os demais: espera-se que ele aja, e é isso, e apenas isso, que ele faz. A segunda é a do Outro apaixonado, representante passional que carrega consigo a alcunha e o estigma do símbolo de uma coletividade, exaltando os humores políticos e colocando-se como que refém dos estados de espírito, gostos e desgastes do povo. Já a terceira composição é a pretensa marca da individualidade, de atores que necessitam, a todo instante, bater pé e afirmar que não constituem parte de nenhuma peça, engrenagem de nenhuma máquina. Dândis filhos da propaganda, estes indivíduos se assemelham no seu desejo de diferença, e diferem no modo como exercem seus respectivos papéis: a vedete é a estrela do cenário político, é ela quem se sobressai, que encara os holofotes despojando-se propositalmente de qualquer formalidade, mantendo somente seu largo sorriso e a ânsia por agradar. Ela, como a moda, é efêmera e imperativa, um verdadeiro estado de alma que arrasta coletividades para a direção que melhor lhe aprouver. Ela representa seu papel, e seduz. Seu – quase – completo oposto é o bufão; tipo geralmente intragável que se distingue da vedete enquanto mal educado político. Possui o desejo da autenticidade e, por isso, simula um tirar de



máscara: desfaz-se da maquiagem agradável, mas acaba por colocar outra, a do levante, em seu lugar. Ele, por sua vez, também representa o seu papel, e revolta (ou, ao menos, diverte).

Landowski cumpre com sua função de estudioso da semiótica das relações sociais: define a lógica de funcionamento das identificações do Eu com relação aos Outros, analisa, tendo a moda e a política como norte, a construção das Presenças do Outro em situações sociais distintas (nas peças publicitárias e na carta como objeto) e, enfim, observa as diferentes representações que os Outros fazem de Nós, e que Nós fazemos dos Outros, enquanto atores sociais que todos somos. Algumas questões permanecem, contudo: como se construiria a presença do Outro tendo como meio de comunicação a correspondência virtual e instantânea? A presença do Outro ainda seria evocada e bricolada (termo largamente empregado por Landowski para descrever o ato de construir o Outro virtual aos pedaços, utilizando pequenos fragmentos de sua presença)? Distâncias ainda seriam simuladas pelo redator da mensagem, ou já não seria mais necessário, pelo caráter imediato do contato? Em tempo, que outras classificações de atores políticos poderiam ser delimitadas, em concordância com cada cenário de coletividade que não a francesa, obviamente utilizada como modelo por Landowski? Para respondê-las, seria necessário adentrar novamente à sala de espelhos - agora fechada, já não precisamos dela – e confrontar estes simulacros de nós mesmos, estes Narcisos, com eles mesmos e com seus Outros. Provavelmente, eles não se importariam, e até poderiam preferir retornar à contemplação ininterrupta de sua própria imagem, afinal, se Narciso acha feio o que não é espelho...

Referências bibliográficas:

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro – Ensaios de Sociosemiótica**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002. 232 p. Título original: *Présences de l'autre. Essais de socio-sémiotique II*.



VELOSO, Caetano. Sampa. Intérprete: Caetano Veloso. In: **Muito (Dentro da estrela azulada)**. Polygram, 1978; 1991 - relançamento em CD. 1 CD (44min 37s). Faixa 7 (3min 17s).